

ANABELA MOTA RIBEIRO. PAULA REGO POR PAULA REGO

Lisboa: Temas & Debates/ Círculo de Leitores, 2016. 160 pp.

Margarida Rendeiro*
mmrendeiro@netcabo.pt

Paula Rego por Paula Rego é um livro em que Anabela Mota Ribeiro, a autora que conduziu as cinco entrevistas que compõem este livro, qual jogo teatral, decide dar a Paula Rego a condução das conversas e deixar-se levar pela pintora para que a sua voz e as narrativas que se desenrolam sobressaiam à medida que o diálogo progride. É Paula Rego a narrar-se a si própria, revelando as máscaras, os fragmentos de vida e de memórias que construíram a pintora e o seu imaginário. Anabela Mota Ribeiro deixa-se levar, estimulando o ato

criativo em que se torna o diálogo, compondo-o formalmente apenas. Ao leitor cabe abandonar-se ao deslumbramento de ver nascer e crescer da narrativa uma identidade profundamente humana.

São cinco entrevistas que foram realizadas num período de oito anos, tendo a primeira sido realizada em fevereiro de 2003 e a última em novembro de 2011. Todas tinham sido anteriormente publicadas, respetivamente no suplemento *DNa*, *Seleções do Readers' Digest*, *Máxima* (que publicou parte da entrevista de

* CHAM – Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
Doutoramento em Estudos Portugueses (King's College, 2008). Investigadora integrada no CHAM e professora auxiliar na Universidade Lusíada de Lisboa. Publicou *The Literary Institution in Portugal since the Thirties: An Analysis under Special Consideration of the Publishing Market* (Peter Lang, 2010). Interesses de investigação centram-se na literatura e cultura portuguesa no século XX e XXI, o cânone e a sua margem, e semiótica visual.

2007, sendo parte inédita) e *Público*; apenas a última é totalmente original, feita propositadamente para integrar este volume. Cinquenta reproduções de quadros e estudos intercalam o texto, conferindo cor e forma ao muito sobre o que se discorre. Conforme João Fernandes, diretor-adjunto do Museu da Rainha Sofia, sublinha no prefácio a este livro, *Paula Rego por Paula Rego* pertence ao género pictórico *conversation piece*, popularizado no Reino Unido, no século XVIII, que apresentava retratos de grupo num contexto informal. Na verdade, o termo subjacente ao género, conversa, é muito mais adequado do que entrevista neste caso. São conversas livres de constrangimentos e formalidades entre Paula Rego e Anabela Mota Ribeiro, três delas realizadas no atelier da pintora em Londres e duas em Lisboa (uma na Casa das Histórias que reúne o seu espólio). São igualmente conversas realizadas em dois espaços geográficos incontornáveis, Reino Unido e Portugal, para a construção da pintora. Por um lado, Lisboa, Estoril e Ericeira, espaços que deram matéria para povoar o imaginário, as lembranças da sua infância, dos jogos, da etiqueta que definia a menina de família, de todos os que estiveram presentes enquanto crescia, a relação cúmplice com o pai e a relação algo tensa com a mãe. Por outro lado, Londres, a Slade School

que lhe deu a formação, o marido Victor Willing que a encorajou e lhe transmitiu a autoconfiança que lhe faltava, a Lila, modelo e cúmplice na vida, a família que lhe restou após a morte de Victor em 1988, vítima de esclerose múltipla, três filhos e cinco netas, e o estúdio onde pinta e sonha. Entrevista é o nome da estruturação formal que subjaz à organização deste livro.

O desdobramento do ser e a descoberta do outro em si são conceitos fundamentais que percorrem estas conversas, num exercício transgressivo, quase de rebeldia, de crescimento do sujeito. A capa propõe essa leitura, com um título que dialoga com a reprodução d'*O Anjo* (1998), tal como, de resto, todas as restantes reproduções dos quadros e estudos que dialogam com a experiência de vida da pintora e com a experiência de conversa entre Anabela Mota Ribeiro e Paula Rego. O título *Paula Rego por Paula Rego* sugere a possibilidade da criação do outro em mim, num exercício de voluntária criação que emerge do desejo de libertação: “Gostava de ser outra pessoa, mas não sou” (20). Deste modo, a criação artística é a concretização dessa possibilidade. Como Paula Rego afirma “Somos nós que o fazemos porque somos nós que temos a mão para o fazer. Mas um quadro é uma coisa completamente separada de nós” (20). Anabela Mota Ribeiro, a autora

deste livro, recua para um plano diferente de autoria: a de autoria da entrevista, de interlocutor na conversa, mas não da narrativa enquanto ato criativo. O quadro que surgiu no final da série de quadros alusivos ao *Crime do Padre Amaro*, pouco apreciada no Reino Unido, e foi o quadro que o diretor da Tate Gallery não quis para o espólio da galeria. Contudo, é um dos quadros que Paula Rego mais aprecia e desejou que ficasse exposto na *Casa das Histórias*. *O Anjo* é simultaneamente o anjo da guarda e o anjo vingador porque protege e vinga sob a capa da Paixão. Se a duplicidade é uma constante na sua obra, ela não é menos presente na vida de Paula Rego e sempre enquanto transgressão, impulsionada por uma incessante curiosidade que a acompanhou desde a infância: nega o formalismo dos rituais religiosos, mas decide fazer a comunhão às escondidas para participar do mistério; reconhece o amor, mas não nega a obsessão amorosa que lhe norteou a vida; adora pintura, mas

nega que a sua seja algo para além de desenhos; vive a arte enquanto exercício indispensável à sua vida, mas detesta o que a arte tem de comercial e superficial; reconhece e, até certo ponto, aceita a convenção como inevitabilidade social, mas procura e vive formas de a subverter, engravidando antes de casar, pintando o aborto como direito da mulher e recusando pintar a mulher enquanto ser fraco e insubmisso.

E é nestas contradições que se constrói a humanidade de Paula Rego, tendo este livro o grande mérito de, num movimento diacrónico, fazer sobressair a mulher enquanto ser profundamente mortal, frágil, contraditório. A mulher que desvenda a sua obra, a sua vida, o medo do medo e o medo da morte e a debilidade física. Um exercício de feminismo e feminilidade. A mulher que ama intensamente a vida, conseguindo, simultaneamente, discernir beleza no que a vida pode ter de grotesco e brutal.